

TAGLIAFERRO, R., Introd. and Notes. In: PTOLEMY, C. ob. cit, 1952, p.x e 1-3.

TATHAM, G. Geography in the Nineteenth Century. In: TAYLOR, G. (Ed.). **Geography in the Twentieth Century**: a study of growth, fields, techniques, aims and trends. London: Methuen, 1967. 1967, p.28-69, chapter II.

TAYLOR, G. (Ed.). **Geography in the Twentieth Century**: a study of growth, fields, techniques, aims and trends. London: Methuen, 1967.

UNWIN, T. **The place of Geography**, N.York: Longman, 1992.

VARENIUS, B. **Geographia generalis**. Amstelodami: Officina Elzeviriana, 1664.

NILSON CORTEZ CROCIA DE BARROS

(Professor Titular Departamento de Geografia - Universidade Federal de Pernambuco Endereço para correspondência:
Avenida Prof. José dos Anjos, 110, apt.801 - Bairro de Casa Amarela - 52051-345 Recife, Estado de Pernambuco.
E mail: nccrocia@ufpe.br)

A ABORDAGEM CONTEXTUAL DE VINCENT BERDOULAY: DESMISTIFICANDO A HISTÓRIA DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO

GEOGRAFIA, Rio Claro, v. 43, n. 2, p. 357-360, mai./ago. 2018.

BERDOULAY, Vincent. **A escola francesa de Geografia**: uma abordagem contextual. Trad. Oswaldo Bueno Amorim Filho. 1. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2017. ISBN: 9788527311052

A obra "A escola francesa de Geografia: uma abordagem contextual" apresenta uma análise aprofundada do movimento de gênese e consolidação da escola francesa de Geografia no período compreendido entre os anos de 1870 a 1914, o que faz dela uma referência fulcral para os estudos sobre a epistemologia e a história do pensamento geográfico. Publicada na França no ano de 1981, ela é resultado da tese de doutorado "*Societal context and the emergence of the French school of geography (1870-1914)*", defendida no ano de 1974 pelo geógrafo francês Vincent Berdoulay, sob a orientação de David J.M. Hooson, no importante centro para geografia cultural e histórica: Universidade da Califórnia (Berkeley), nos Estados Unidos. O reconhecimento da relevância desta pesquisa, bem como sua continuidade e atualização levaram à publicação de outras duas edições da obra, nos anos de 1995 e 2008. Esta última foi traduzida para o português pelo geógrafo Oswaldo Bueno Amorim Filho (PUC-Minas), culminando na publicação da edição brasileira no ano de 2017, prefaciada por Eduardo Marandola Jr. (Unicamp).

Para a consecução do seu objetivo, examinar a trajetória da geografia (francesa), Berdoulay propõe uma abordagem metodológica inovadora, por ele denominada de contextual, ao qual convida-nos a uma leitura interseccional sobre os fatores internos e externos que esteiam o devir do pensamento científico. Neste sentido, a obra de Berdoulay pode subsidiar o desenvolvimento de outros estudos sobre a história e a sociologia das ciências. O autor considera as descontinuidades das tendências científicas, a interdependência das ciências e as condições para a realização das pesquisas, tanto internas à própria ciência quanto as de âmbito mais macro, como as relações político-econômicas da sociedade sem, contudo, concebe-las como determinantes para totalidade do fazer científico. Este olhar lhe permitiu articular elementos históricos, epistemológicos, conceituais, econômicos e sociopolíticos, como também fundamentou o repúdio à linearidade da interpretação finalista que acaba por atribuir superioridade intelectual a determinadas perspectivas científicas, principalmente aquelas que conseguiram posteridade no âmbito acadêmico-social.

Berdoulay repele a crença num progresso científico, se opondo às leituras que explicam o passado sob o ponto de vista do presente. Este posicionamento do autor está imbuído de uma crítica ao status da verdade e à noção de homogeneidade da ciência, dada sua objeção ao sentido ascensional da verdade e sua abertura à heterogeneidade do conhecimento científico, manifesta na ênfase do reconhecimento da pluralidade de orientações dentro da própria ciência, no tempo diacrônico e sincrônico. Isto nos ajuda a compreender uma das principais tônicas do livro: o esforço em desconstruir categorizações e generalizações simplistas que estão arraigadas em preconceitos banalizados que versam uma história quase “oficializada” da Geografia.

Apesar de já existirem muitos trabalhos de escavação da história do pensamento geográfico no cenário internacional, eles parecem não ter produzido o eco necessário para destruir os estereótipos que nos impõem o risco da não compreensão do passado e assim, obnubilam o entendimento da geografia contemporânea, da qual a geografia francesa lhe é constitutiva. Um dos ícones desta geografia, Paul Vidal de la Blache, é perversamente “[...] alvo desses estereótipos, julgado conservador antimoderno, ruralista, retrógrado, redutor da disciplina a apenas seu componente regional, criador de uma geografia mais naturalista que social etc.” (BERDOULAY, 2017, p. 236). Entretanto, o estudo de Berdoulay nos permite dimensionar a importância da epistemologia vidaliana na gênese da Geografia e reconhecer seus desdobramentos na contemporaneidade, manifestos no “espírito geográfico” que orienta nossa compreensão da relação sociedade-natureza, mas sobretudo, que compõe a verbalidade do fazer geográfico, o que constitui a identidade do ser geógrafo.

Uma das maneiras de destacarmos a importância deste livro seria por sua leitura propiciar a desconstrução de várias simplificações banais reproduzidas na história do pensamento geográfico. Neste sentido, destaco pelo menos sete ideias correntes que *A escola francesa de geografia* nos permite repensar.

A primeira seria a categorização de Vidal de la Blache como “possibilista” com base numa crença implícita que ele assim se autodenominou. Berdoulay mostra, por exemplo, que o termo possibilismo foi defendido, sobretudo, por Lucien Febvre, referindo-se a filosofia das relações homem-natureza dos trabalhos da escola francesa de geografia, porém Vidal de la Blache nunca utilizou tal termo, apesar de ter destacado as possibilidades existentes na natureza que o homem, enquanto ser dotado de iniciativas, poderia desenvolvê-las ou não, conforme seus intentos e nível de tecnologia.

A segunda simplificação refere-se à homogeneização das escolas francesa e alemã, como se cada uma fosse um conjunto coeso. Embora haja uma generalização tácita presente no processo de identificação de uma escola do pensamento, não se pode perder de vista que se trata de um corpo articulado, mas heterogêneo. A obra de Berdoulay revela que o pensamento alemão na virada do século XX não era uno e também inspirou uma diversidade de abordagens na geografia francesa. O autor destaca que a geografia ritteriana, por exemplo, pode ser considerada um princípio condutor e unificador do pensamento geográfico francês nesse período. Todavia, essa geografia, que encontrou maior ressonância na França do que na própria Alemanha, fundamentou várias divergências. Parte dos geógrafos franceses que não atribuíam muita importância à geografia física identificaram-se por uma atitude ritteriana mais tradicional, a exemplo de L'Élie de Laveissier e Himly, enquanto outros aprofundaram os estudos nesse campo, com destaque para Peschel e Richthofen, e até mesmo os seguidores de Vidal como Gallois, Brunhes e, principalmente, Martone.

A terceira simplificação diz respeito ao olhar meramente opositivo entre a geografia francesa e alemã, que se manifesta num quarto reducionismo: a concepção do “possibilismo” como uma mera reação ao “determinismo”. Berdoulay (2017) salienta que realmente havia uma reação de ambivalência entre franceses e alemães. Após a derrota na guerra franco-prussiana, o traumatismo da comuna de Paris e a perda da Alsácia-Lorena (marcos compreendidos entre 1870-1871), muitos franceses, alimentados por um nacionalismo, quase sempre xenófobo, viam a Alemanha como objeto de revanche. Entretanto, o autor destaca que, simultaneamente, surgiram reações favorá-

veis a seguir o modelo alemão, principalmente nos campos institucional e intelectual. Estes admiravam o desenvolvimento científico da Alemanha, manifesto na liberdade de expressão e nas instituições de ensino e pesquisa, o que na ótica dos franceses, corroboravam como fator preponderante para justificar a supremacia militar e econômica alemã.

Neste sentido, os franceses se inspiraram veementemente no modelo alemão para organizar o ensino em seu país e institucionaliza-lo nas universidades. Isto nos permite dizer que até a eclosão da Primeira Guerra Mundial, no contexto intelectual, as relações de proximidade entre essas nacionalidades são mais abundantes do que as de repulsa. Berdoulay (2017) destaca que o periódico francês *Revue internationale de l'enseignement*, fundado em 1881 era sintomático dessa relação franco-alemã, pois ele tratava basicamente dos métodos e inovações alemães. No âmbito da Geografia, a referência ao pensamento alemão, era também predominante, com exceção dos trabalhos dos seguidores de Le Play e Durkheim, que apesar de cientistas sociais, se interessaram por estudos de interesse geográficos e suas proposições repercutiram na Geografia.

A importância que os alemães como Ratzel e Partsch atribuíam à geografia escolar foi compartilhada pelos franceses, que após a guerra de 1870 constataram que um dos motivos para sua derrota era que seu exército não sabia ler mapas topográficos, ao contrário dos alemães. Berdoulay (2017) detalha os variados esforços da França em investir capital no desenvolvimento da geografia, tanto por parte da iniciativa privada, a exemplo da casa Hachette, na qual Élisée Reclus esteve à frente durante aproximadamente trinta anos, quanto da iniciativa do governo republicano, que em 1871, inspirado no modelo alemão solicitou a Levasseur e Auguste Himly que propusessem uma reforma do ensino da geografia e da história nas escolas primárias e secundárias francesas.

A geografia alemã foi fulcral para os franceses, embora isso não signifique uma inspiração desmedida. A crítica à originalidade francesa norteou a busca pelo rompimento com o monopólio de inspiração alemã, o que contribuiu para o sucesso da teoria geomorfológica do norte-americano William M. Davis na França. Mas, apesar de buscarem se diferenciar dos alemães, especialmente os vidalianos, os franceses não deixaram de reconhecer sua importância. Vidal de La Blache foi um deles. Considerado por muitos como pai da escola francesa de geografia e do chamado possibilismo, incorporou algumas ideias de Ratzel, mas rejeitou o determinismo do ambiente sobre a história.

Vidal de La Blache e seus discípulos evitaram as inclinações ambientalistas e participaram do movimento epistemológico antimecanicista (BERDOULAY, 2017). Para tanto, recorreram ao espiritualismo eclético, articulando as noções de intenção, de vontade, de iniciativa, e de senso artístico do homem para a defesa do "espiritualismo geográfico". A preocupação dos vidalianos era a ênfase no papel geográfico do homem sem, entretanto, dramatizar os danos que o homem poderia causar à natureza (BERDOULAY, 2017). A epistemologia vidaliana teve ainda a originalidade de não deixar que a geografia se fechasse em um quadro dedutivo e reducionista, abrindo-se para a criatividade do cientista e da área estudada, o que segundo Berdoulay (2017) parece uma preocupação que atualmente está sendo retomada. A postura indutiva do pesquisador vidaliano também inovou ao associar as abordagens ideográfica e nomotética, até então consideradas dicotômicas na Geografia. Apesar das divergências entre os vidalianos sobre essa iniciativa, não se pode ignorar a importância dessa perspectiva para repensar a relação empiria-abstração presente nas práticas de campo da época.

Esse contexto elucida a importância da filosofia neokantiana para os vidalianos, pois no esteio das proposições de sua geografia estão as noções neokantianas como liberdade e criatividade relativas, bem como a relação ténue entre os dados da experiência e a capacidade do espírito de abstraí-los, conceitualizando-os. Isto nos leva a problematizar uma outra simplificação na história do pensamento geográfico, a qualificação sorrateira da geografia clássica, ou seja, incluindo basicamente a escola francesa, como positivista.

A geografia neokantina francesa era uma contraposição ao positivismo dos durkheimianos, o que não a imuniza de ser considerada também positivista, mas para isso é importante interpreta-la em seu contexto e não lê-la com os olhos do presente, como costumeiramente é feito. Por outro lado, Vidal de La Blache "evitou toda metodologia estritamente positivista ou mecanicista" (BERDOULAY, 2017, p. 231).

Essa celeuma só ratifica a necessidade de estudos aprofundados sobre a influência de Immanuel Kant na gênese da Geografia, pois apesar do reconhecimento de seu papel na história da geografia moderna, ainda há muita escavação a ser feita sobretudo neste período de constituição da ciência geográfica, o que certamente inclui a influência de outros filósofos e tendências de pensamento que se entrelaçam.

A sexta simplificação que destacamos se sustenta no eco descontextualizado da afirmação de Vidal de La Blache: "a geografia é a ciência dos lugares e não dos homens" (apud BERDOULAY, 2017, p. 195). Apesar de Vidal La Blache ter sido um defensor da unidade da geografia, esta frase tem sido recorrentemente evocada para identifica-lo como "autor de uma geografia mais naturalista que social". Tal preconceito ignora o sentido explícito da afirmação vidaliana em contrapor os durkheimianos, que censuraram o "espírito geográfico".

A sétima simplificação consiste na inferiorização da geografia escolar no âmbito do movimento de gênese da Geografia. Um dos principais motivos para a latência e consolidação da Geografia enquanto ciência na França foi o reconhecimento da importância da geografia escolar. Quando se percebeu que o exército alemão se sobressaiu nas guerras pelo domínio na leitura dos atlas e das cartas topográficas, os franceses que não tinham a mesma habilidade, reagiram reorganizando o ensino básico, dando um novo relevo à geografia. Esse processo fomentou o caminhar da geografia científica na França. A obra de Berdoulay revela-nos a estreita articulação entre ensino, política e ciência, o que desconstrói esta simplificação.

A desconstrução dessas múltiplas simplificações é uma tarefa necessária nos cursos de graduação em geografia, o que torna este livro de Vincent Berdoulay uma referência fundamental para os geógrafos. A geografia brasileira carece de bibliografia sobre o assunto, pois como destacado por Marandola Jr. no prefácio da obra, a escola francesa de geografia imprimiu marcas indelévels na geografia brasileira, corroborando na formação das primeiras gerações de geógrafos do país e na gênese de importantes instituições nacionais, como a Universidade de São Paulo, a Universidade do Brasil (atual Federal do Rio de Janeiro) e o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Mas apesar da ênfase nos geógrafos, a obra de Berdoulay também é interessante para historiadores e especificamente para sociólogos, pelo detalhamento do conflito aberto entre os vidalianos e um dos ícones da sociologia, Émile Durkheim.

JAMILLE DA SILVA LIMA

(Professora da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e Doutoranda em Geografia pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). E-mail: jamille_geo@hotmail.com)